

A metáfora como instrumento de comunicação educacional

Amílcar MARTINS
(Universidade Aberta)

In TERTÚLIA sobre «A TRADIÇÃO E A PALAVRA», no Centro de Estudos Ferreira de Castro, Ossela, Oliveira de Azeméis, Maio, 2003

Introdução

Quero, em meu nome pessoal e da minha universidade, a Universidade Aberta, começar por saudar a direcção e os organizadores desta iniciativa do Centro de Estudos Ferreira de Castro. Quero também saudar todos os presentes nesta sessão que tem como principal objectivo debater a problemática de A TRADIÇÃO E A PALAVRA, dentro do formato, a meu ver oportuno e feliz, de uma tertúlia. Cabe-me a mim, no quadro deste ciclorama de fundo, debater convosco um aspecto particular deste rico e complexo universo temático. Escolhi, por isso, uma dimensão particular deste objecto de estudo que, espero, vos possa interessar e, se possível, interpelar, tal como acontece comigo há muito tempo: A METÁFORA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL.

Quero, por isso, convidar-vos a seguirem-me, num roteiro-viagem onde procurarei guiar-vos pelos caminhos tateantes feitos de um questionamento e reflexão, necessariamente exploratórios e, como certamente constatarão, com a marca de uma visão pessoal subjectivamente assumida. Faço votos, porém, que desta nossa tertúlia, como lugar e tempo onde se tecem as trocas e se assumem dizeres polissémicos e constelativos, se inscreva também o impulso futurante que deve marcar o gosto pela busca inspiradora e criativa de novos significados para a comunidade.

Num primeiro momento, parto de um conjunto de algumas premissas genéricas sobre a metáfora num contexto educativo e comunicacional. Num segundo momento apresento-vos alguns exemplos de metáforas com origem em paisagens educativas, sócio-culturais e históricas diversas. E, finalmente, num terceiro momento, procurarei destacar algumas ideias para o debate, sugerindo o cruzamento da metáfora como instrumento de comunicação educacional.

A metáfora e a educação

Permitam-me que chame a vossa atenção para alguns aspectos relevantes no tratamento deste binómio metáfora-educação:

- A metáfora é uma figura de estilo que transporta a significação própria de um vocábulo e/ou de expressão de linguagem para outro contexto.
- A metáfora é uma construção e mecanismo linguístico que potencia e dinamiza a criação de novas imagens através de processos e operações mentais de associação, de analogia, de comparação, de distinção, de identificação.
- A metáfora induz a transferência dos dados de uma observação empírica imediata para um universo de observação poética e simbólica.

- A metáfora faz apelo à criatividade e à imaginação dos interlocutores que se encontram numa rede e/ou cadeia de comunicação, quer estejam numa situação de presença 'aqui e agora', quer se encontrem numa situação diferida e/ou a distância.
- A metáfora permite a criação de representações polissémicas (múltiplos significados) que, se utilizada com sensibilidade e saber num contexto e situação educativa e cultural específica, dinamiza um potencial indutor de ensino-aprendizagem muito poderoso, penetrante e fecundo.

Vejamos seguidamente alguns exemplos de metáforas inspiradoras de leituras e interpretações fecundas para o contexto educacional.

Metáforas nascentes pelo mundo

Deixem-me começar a abordagem de alguns exemplos de metáforas convocando para o nosso convívio algumas ressonâncias geográfico-paisagísticas e culturais que nos chegam de universos tão distintos: de Portugal, do continente norte-americano, da China, da Itália e da UNESCO.

1ª metáfora: Luís de Camões e o universalismo lusíada

O MUNDO TODO ABARCO E NADA APERTO

é uma expressão do nosso grande poeta Luís de Camões. Como sabemos ele foi, há muito, transformado num dos mais relevantes porta-vozes da identidade lusíada. Camões traduz, nesta formulação, uma ideia que julgo muito importante: a ideia de que o IR na direcção do OUTRO está profundamente ligada ao espírito de universalidade portuguesa. Eis-nos assim perante um elemento a reter: a identidade cultural portuguesa tem uma raiz universalista que se caracteriza por um sentimento de ABRAÇO AO MUNDO e se (des)constrói com a integração do OUTRO.

2ª metáfora: Fernando Pessoa e o "Outro"

Outro porta-voz do nosso EU colectivo, Fernando Pessoa, reforça assim este sentimento de IR na direcção do OUTRO:

(...)
TRAGO DENTRO DO MEU CORAÇÃO
COMO UM COFRE
QUE SE NÃO PODE FECHAR DE CHEIO
TODOS OS LUGARES ONDE ESTIVE
E TUDO ISSO
QUE É TANTO
É POUCO PARA O QUE EU QUERO!
(...)

3ª metáfora: O provérbio índio e a comunidade educativa

Passemos agora para outro continente – a América do Norte – e demoremo-nos num provérbio índio muito antigo:

É PRECISA TODA UMA ALDEIA
PARA EDUCAR UMA CRIANÇA

Esta ideia, que traduz uma sabedoria ancestral, permite-nos reter um sentido, sempre, e de modo contínuo, com intencionalidade pertinente: a de que a educação se faz e se constrói com interacções, com cumplicidades, com saberes partilhados, com interesses localizados e seres humanos e instituições que se exprimem e participam numa territorialidade específica, própria, a que poderíamos chamar de ecologia humana.

4ª metáfora: A tensão entre o global e o local

Um ambientalista canadiano que se tornou célebre no mundo inteiro exprime e prolonga, de forma sintética, o pensamento índio anterior:

PENSAR GLOBALMENTE
AGIR LOCALMENTE

A acção interveniente com um sentido de mudança potencia-se, como possível, quando se articula numa visão consciente e estratégica de uma teia de interdependências e de globalização do nosso mundo de diferenças, com uma visão interventiva do que são as identidades locais, os seus problemas, os seus desafios e aspirações.

5ª metáfora: O aprender envolvente da China antiga

Ora, do roteiro desta nossa viagem pelo mundo, proponho-vos agora um salto até ao extremo oriente e à China. Um provérbio muito antigo, não se sabe se já do tempo do filósofo e pensador chinês Confúcius, indica-nos um caminho para o ser que cresce e aprende. Este provérbio, julgo, torna-se profundamente interrelativo para nós que somos cidadãos do mundo, pais, pedagogos, educadores, professores e/ou animadores:

DIZ-ME E EU ESQUECEREI
ENSINA-ME E EU LEMBRAR-ME-EI
ENVOLVE-ME E EU APRENDEREI

A conjugação dos verbos *dizer* associado a *esquecer*, de *ensinar* associado a *lembrar* e de *envolver* associado a *aprender*, revela-se como um importante contributo para a ideia de que a diferentes escolhas e modos de ensinar correspondem diferentes níveis e modos de aprender. Esta trajectória casamenteira de correspondências dos pares verbais *dizer-esquecer*, de *ensinar-lembrar* e de *envolver-aprender*, sublinha o valor desta metáfora enquanto atitude e perfil de ser, de estar, de fazer educação.

Podemos então retirar a interpretação que exprime a ideia de que o processo e os actos que conduzem, de facto, a aprendizagens significativas, criativas, duradouras e transferíveis, pressupõem níveis elevados de envolvimento, de motivação, de implicação de quem aprende. Logo, para quem ensina, é vital o seu empenhamento pessoal e relacional na gestão sensível e criativa de ambientes e dispositivos favoráveis a aprendizagens e à identificação das condições para o sucesso educativo.

6ª metáfora: A arte do saltimbanco no ensino

Na tradição europeia o saltimbanco é um feirante alegrador de gentes, um animador festivo em qualquer lugar. Ele é um artista itinerante, improvisador, flexível, adaptável, eclético, que intervém e actua com vários recursos e meios. É um integrador de linguagens: dança, conta, canta, toca, representa, declama... Afirma-se presente e anuncia-se com vitalidade e magia. Procura o contacto empático e a festa da vida no 'aqui e agora' do momento único, irrepetível, efémero. Constrói o momento na interacção comunicativa com as gentes. Serve-se do seu reportório, e também dos recursos imediatamente disponíveis, procurando, porém, optimizá-los e torná-los pertinentes e fecundos no 'aqui e agora' da situação: o corpo e o movimento, a voz e o canto, o espaço e o tempo, as cores e os objectos, a língua e as línguas...

Ao chegar ao local do encontro, o saltimbanco transforma-o em espaço atractivo no roteiro da viagem que propõe. Provoca as gentes para um itinerário cuja cartografia apela à motivação e à curiosidade para o que vai surgir e que se ergue, velozmente, em acontecimento. Busca a participação do seu público reservando-lhe um papel de escuta atenta das histórias que deseja contar-lhe. Usa a sua fértil imaginação e recupera criativamente a espontaneidade do instante induzindo leituras polissémicas e originais.

O saltimbanco sente e compreende, por vezes intuitivamente, que é no aqui e agora das situações que se passa o essencial da comunicação visível, mas também a invisível, subliminar, misteriosa, capaz de impulsionar sonhos, viagens, aventuras.

O saltimbanco é, afinal, um ente querido que nasceu num burilar tacteante e experimentador, numa dinâmica relacional que se fixou como um pujante arquétipo das memórias artísticas da cultura popular europeia e ocidental. O pedagogo e o animador poderão bem inspirar-se nesta figura do saltimbanco para modularem o seu perfil de atitudes e de competências para ensinar com arte.

7ª metáfora: As aprendizagens transversais no século XXI

Segundo o relatório de recomendações elaborado por Jacques Delors *et al* (1996: 88), apresentado à UNESCO pela Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, alguns dos desafios educacionais mais importantes que temos à nossa frente, no momento actual de tendências aceleradas de globalização e de mundialização do planeta, e, conseqüentemente, da nossa história colectiva, perspectivam-se em torno de quatro pilares:

- aprender a conhecer;
- aprender a fazer;
- aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros;
- aprender a ser.

O conjunto destes quatro pilares é, assim, na óptica da Comissão, independentemente de graus de ensino e de áreas científicas e disciplinares, encarado como de relevância vital e susceptível de se constituir como fio condutor para fundamentar princípios orientadores de acção comum entre todos os agentes educacionais. Vejamos então em que se baseia cada um dos quatro pilares na óptica desta Comissão.

- Aprender a conhecer, *combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que*

também significa: aprender a aprender, para beneficiar das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.

- *Aprender a fazer, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional mas, duma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipa. Mas, também, aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.*
- *Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projectos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.*
- *Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar...*

É ainda a Comissão Internacional de Educação (Delors et al, 1996: 88) que chama a atenção para o facto seguinte:

Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, de futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto ao nível de elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.

Conclusões

Identificámos ao longo da nossa abordagem os seguintes aspectos que poderão suscitar pontos de observação para o nosso debate – aqui – tertuliano, livre e criativo:

- A abertura sobre o mundo conta – não só porque traduz a profunda relação dos portugueses com a sua raiz universalista, mas também porque a evidência do processo progressivo de globalização e de mundialização assim o exigem;
- As identidades nacional, regional e local contam – não só porque traduzem o que de mais genuíno e autêntico nos define como povo, como essa via descentralizada acolhe com maior pertinência as problemáticas e necessidades específicas permitindo, ao mesmo tempo, integrar a síntese que emerge dos fluxos da tradição, da mudança e da inovação;
- As necessidades, dificuldades, carências e aspirações individuais e comunitárias de crianças, jovens e/ou adultos contam – não só porque se trata de uma evidência a respeitar e que, em consequência, exige as respostas adequadas, mas também porque, pura e simplesmente, não existe alternativa social credível a este facto;
- Os pais e os encarregados de educação contam – não só porque se trata de outra evidência a respeitar, mas também porque da sua vital participação se concertam e escolhem os caminhos que importa serem percorridos;

- Os educadores, professores e animadores contam – não só porque são os Agentes de Ensino e de Animação mais próximos do processo educativo, mas porque é no 'aqui e agora' das situações pedagógicas e didáticas, por si dinamizadas, que se impulsionam e constroem muitas das condições favoráveis para aprendizagens;
- A escolha e a clarificação das grandes metas e finalidades das competências e aprendizagens contam (em função das fases do desenvolvimento dos diversos ciclos e das qualidades pessoais de cada um) – não só porque se trata de uma obrigatoriedade humana e social, como ainda porque importa contemplar nessa trajectória as várias vertentes: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos ou a aprender a viver com os outros; e aprender a ser.

Creio que o potencial criativo contido na metáfora como instrumento de comunicação educacional reclama de todos nós uma postura aberta e espiralante rumo às nossas interacções discursivas, hoje, em amena tertúlia, pela noite adiante...!

Referências Bibliográficas

- COURTNEY, Richard. (1985). "The Dramatic Metaphor and Learning", in Judith Kase-Polisini. (Ed.). *Creative Drama in a Developmental Context*, p. 39-64. Lanham; New York; London: University Press of America.
- DELORS, Jacques *et al.* (Eds.). (1996). *Educação, um Tesouro a Descobrir*. (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI). Tradução de José Carlos Eufrázio. Revisão e prefácio da edição portuguesa: Roberto Carneiro. [Título original: *Learning: The Treasure Within. (Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-First Century*. 2ª edição. Porto: Edições ASA.
- KASE-POLISINI, Judith. (Ed.). (1985). *Creative Drama in a Developmental Context*. Lanham; New York; London: University Press of America.
- MARTINS, Amílcar. (1998). *Actividades Dramáticas nos Jardins de Infância Luso-Chineses de Macau*. Tese de doutoramento apresentada em 1996 na Faculté des sciences de l'éducation, Université de Montréal, Québec, Canadá. Prefácio de António Nóvoa. Macau: Fundação Macau e Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.
- MARTINS, Amílcar. (Coord.). (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTINS, Amílcar. (2003a). *Caderno de Testes Formativos de 'Didáctica das Expressões'*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTINS, Amílcar. (2003b). "Da Descentralização e Gestão Flexível do Currículo à Relação Pedagógica". Conferência apresentada no Seminário sobre *O Desenvolvimento Regional e a Descentralização da Educação*. Lisboa, 30 de Maio de 2003. Organização do SPLIU – Sindicato Nacional dos Professores Licenciados pelos Politécnicos e Universidades. (Não publicado).